

04 OUT 2014 • 18:00 • SALA SUGGIA

---

# REMIX ENSEMBLE

## CASA DA MÚSICA

---

**PETER RUNDEL** DIREÇÃO MUSICAL

**LOUISE CALLINAN** MEIO-SOPRANO

**JEFF MARTIN** TENOR

**HUANG RUO** VOZ

### 1ª Parte

---

#### Ana Seara\*

*Sinestésias* [2014; C.8MIN.]  
(estreia mundial; encomenda  
da Casa da Música)

#### Huang Ruo

*Divided Distance*, para voz e orquestra  
de câmara [2014; C.15MIN.]  
(estreia mundial; encomenda  
da Casa da Música)

### 2ª Parte

---

#### Gustav Mahler

(arr. Arnold Schoenberg/Rainer Riehn)  
*A Canção da Terra*, para tenor, meio-  
-soprano e orquestra de câmara  
[1907-1909; ARR. 1920/1983; C.60MIN.]\*\*

1. Canção de Beber da Tristeza  
da Terra (tenor)
2. O Solitário no Outono (meio-soprano)
3. Da Juventude (tenor)
4. Da Beleza (meio-soprano)
5. O Bêbado na Primavera (tenor)
6. A Despedida (meio-soprano)

\*Jovem Compositora em Residência 2014

\*\*Tradução dos textos originais nas páginas 6 a 12.



casa da música



Maestro Peter Rundel  
sobre o programa do concerto  
[www.vimeo.com/107721022](http://www.vimeo.com/107721022)

## ANA SEARA

COIMBRA, 1985

### Sinestésias

Sinestesia – *Do grego synaísthesis, “sentimento comum a vários”, nome feminino. 1. Termo que caracteriza a experiência sensorial de certos indivíduos nos quais sensações correspondentes a certo sentido são associadas às de outro sentido. 2. Recurso expressivo em que se associam, na mesma expressão, sensações captadas por sentidos diferentes (visão, olfacto, etc.)* In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014

A música carece de um léxico próprio e torna-se, ela própria, sinestésica nos dois sentidos em que o dicionário define *sinestesia*. Se por um lado se recorre à figura de estilo para descrever o que se ouve ou o que se sente quando se ouve, quando o maestro dá indicações, quando um professor explica ou aconselha uma interpretação; por outro, nós, enquanto ouvintes, não percebemos a música de uma forma exclusivamente abstracta, mas mais concreta, associando-a a outros sentidos (por referência a cores, a paisagens, a odores, a texturas – quer ao nível do paladar quer do tacto). Este cruzamento de sensações a partir de um só estímulo é fascinante e coloca a música como a mais enigmática das artes. A “união de sensações” torna a experiência musical algo único e inexplicável por si só. O nosso cérebro recorre aos outros sentidos para tentar compreender e descrever o que o estímulo musical lhe provoca. E, para o compositor, o que é timbre, textura, discurso? São mecanismos sinestésicos para criar...

Para esta peça, parti desta ideia de estímulo vs sensações e sentidos para criar música a partir de um só estímulo – um acorde – e apresentar diversos possíveis significados desse estímulo.

Esta peça é dedicada ao meu irmão João, que também é músico e que percebe, sente e descreve o fenómeno musical de forma tão diferente da minha. Os mesmos estímulos sonoros têm, para ele, diferentes significados e sentidos. E desta confrontação e discussão sobre o poder sensorial da música surgem, para mim, mais estímulos para a trabalhar e a transformar em sensações através da escrita musical.

ANA SEARA [2014]

## HUANG RUO

ILHA DE HAINAN (CHINA), 1976

*Divided Distance*, para voz e orquestra de câmara

“Por vezes, a jornada mais longa é a distância entre cada um e o seu eu...”

O tema de *Divided Distance* é a procura interna que conduz a um estado de auto-iluminação. O texto é uma adaptação de Tang Xian-Zhu, um dramaturgo chinês da Dinastia Ming (1368-1644). A obra está escrita para voz e ensemble, com uma duração aproximada de 15 minutos. Tem três secções que devem ser interpretadas sem qualquer pausa. *Divided Distance* é uma encomenda da Fundação Casa da Música e foi escrita para o Remix Ensemble.

[Os textos originais em chinês não são traduzidos por vontade expressa do com-



ORIENTE 2014

PATROCINADOR ANO ORIENTE APOIO ANO ORIENTE



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



positor, que prefere manter o sentido abstracto dos mesmos para o público. O importante é o som das palavras.]

HUANG RUO [2014]

## GUSTAV MAHLER

KALISCHT, 1860

VIENA, 1911

*Das Lied von der Erde (A Canção da Terra)* versão para orquestra de câmara de Arnold Schoenberg (1920) concluída por Rainer Riehn (1983)

Gustav Mahler, oriundo de uma modesta família judaica, iniciou os estudos de piano com apenas 6 anos e ingressou no Conservatório de Viena em 1875. Chamou a atenção e ganhou notoriedade com a sua obra *A canção triste*, escrita em 1880. Após sucessivas experiências como maestro de teatros em pequenas cidades, foi nomeado director da Ópera de Budapeste e, em 1891, da Ópera de Hamburgo. Após a conversão ao catolicismo, em 1897, é nomeado director da Ópera de Viena, ficando também responsável pelos concertos sinfónicos. Perfeccionista por natureza, Mahler distinguiu-se pela dedicação ao trabalho de ensaio, tornando-se para muitos um dos maiores directores de orquestra da História. Não suportava desleixos e por vezes geravam-se situações de grande tensão. Exigente com os seus músicos, foi adorado por muitos e odiado por outros tantos.

A sua produção musical é bastante marcada pela sua personalidade e biografia. O

“som mahleriano” é inconfundível e único. O seu catálogo é formado essencialmente por *lieder* (canções) e sinfonias (9 completas e parte de uma 10<sup>a</sup>), contando também um poema sinfónico, *Das Lied von der Erde*. Grandemente influenciado pela literatura, constrói uma linguagem complexa, com sinfonias muito longas, recorrendo a uma grande quantidade de músicos (orquestra, coro, solistas) porque “*deveriam representar o mundo*”, segundo o compositor. Na produção mahleriana há lugar para momentos de triunfo, mas também de tragédia e paz. Depressa os momentos alegres dão lugar a outros desesperados e trágicos, tal como a sua vida. A infância marcada pela violência doméstica por parte de seu pai, a morte do seu irmão e, mais tarde, da sua filha, bem como a relação conturbada (marcada pelo adultério) com a sua mulher Alma e, por fim, o sofrimento consequente de problemas cardíacos tornam o tema da morte recorrente na música de Mahler. Para a comunidade musical, nos dias de hoje, Mahler é sinónimo de modernidade, prenunciador de uma nova era que progressivamente se afasta do modelo tonal. Exímio orquestrador, é frequente, na sua música, existir uma tensão geradora de ainda maior tensão sem resolução, rompendo os limites da tonalidade. Arnold Schoenberg e Alban Berg (precursores do atonalismo e dodecafonismo) têm por Mahler grande respeito e admiração. A sua música liga o Romantismo do século XIX ao Modernismo do século XX.

Recolhido pelos trágicos acontecimentos que se sucederam perto do final da sua vida e pela demissão do cargo de director da Ópera de Viena, Mahler encontra inspiração e motivação na colectânea de poemas

chineses *A Flauta Chinesa*, traduzida para alemão, oferecida pelo seu amigo Theodor Pollak. O carácter optimista dos poemas, bem como a filosofia chinesa, impressionou o compositor que logo pensou em compor uma nova sinfonia. Sabendo que Beethoven, Schubert, Bruckner e Dvořák apenas tinham escrito 9 sinfonias, Mahler optou pelo género da canção orquestral, temendo a própria morte após a composição da 9<sup>a</sup>. Escolheu seis poemas de Li-Tai-Po, Tchang-Tsi, Mong-Kao-Yen e Wang-Wei.

*Canção de Beber da Tristeza da Terra* inicia o ciclo, defendendo que o vinho é a receita para os males humanos, a única saída para a dor. O *Solitário no Outono* segue-se, pois o Outono e a tristeza permanecem no coração de um homem solitário. *Da Juventude* descreve uma cena chinesa, num pequeno pavilhão de porcelana verde. *Da Beleza*, quarta canção, fala de jovens raparigas que colhem flores de lótus na margem do rio. *O Bêbado na Primavera* é, de novo, uma exaltação dos prazeres dionísicos. Fecha-se, por assim dizer, a primeira parte. A segunda parte é constituída apenas por *A Despedida*. O positivismo de *Da Beleza*, *Da Juventude* e *O Bêbado na Primavera* contrasta com *Canção de Beber da Tristeza da Terra* ou *O Solitário no Outono*, mais reflexivos e próximos da personalidade e do momento que Mahler vivia, e com o significativo *A Despedida* (poema utilizado em cerca de 30 minutos de música). Se, por um lado, temos a contemplação da Natureza, por outro encontramos a tristeza, a nostalgia, quase como uma carta de despedida que Mahler deixaria para a eternidade, repetindo vezes sem conta e pausadamente as palavras *ewig* (eternamente) e *Abschied* (Adeus).

Arnold Schoenberg, em 1818, funda a Sociedade de Execuções Musicais Privadas, que se dedicava a performances sérias, de profunda análise das obras contemporâneas de compositores como Bartók, Debussy ou Stravinski. Cada obra era apresentada 2 vezes no mesmo dia. Foi para uma destas apresentações reflexivas que Schoenberg, em 1920, começou a trabalhar numa versão de câmara d'*A Canção da Terra*. Não a terminou, mas Rainer Riehn, a partir das notas detalhadas do mestre, concluiu uma edição em 1983. A escrita solística de Mahler em determinadas secções da obra permitiu que a versão de câmara atingisse sucesso. Com esta versão, todas as linhas melódicas ficam a descoberto e as emoções e tensões ampliadas.

ANA SEARA [2014]

## 1. Canção de Beber da Tristeza da Terra

– Li-Tai-Po (701-762) / Hans Bethge\*

Já o vinho vos acena na sua taça dourada,  
mas não bebais ainda, antes que vos cante uma canção!  
A canção do desgosto  
ressoa como uma gargalhada nas vossas almas.  
Quando o desgosto sutura,  
ficam desolados os jardins da alma,  
esmorecem e morrem a alegria e os cantos.  
Sombria é a vida, é a morte.

Senhor desta casa!

A tua cave está cheia de vinho dourado!  
Aqui chamo meu a este alaúde!  
Tanger o alaúde e esvaziar os copos,  
são coisas que juntas ficam bem.  
Uma taça cheia de vinho no momento certo  
vale mais do que todos os reinos desta terra!  
Sombria é a vida, é a morte.

O firmamento é de um azul eterno  
e a terra longo tempo durará ainda  
e florescerá na Primavera.  
Mas tu, homem, quanto tempo vives tu?  
Não tens cem anos para gozar  
de todas as caducas futilidades desta terra!

Olhem lá em baixo! Ao luar, sobre as sepulturas  
acocora-se uma fantasmagórica figura!  
É um macaco! Escutem como o seu uivo  
rasga o doce aroma da vida!

Agora, tomai o vinho! Agora é tempo, companheiros!  
Esvaziai as vossas taças douradas até ao fundo!  
Sombria é a vida, é a morte!

\*adaptação para o alemão

## 2. O Solitário no Outono

– Tchang-Tsi (c.765 - c.830) / Hans Bethge

A névoa azulada de Outono flutua sobre o lago;  
cobrindo de geada cada lâmina de relva;  
dir-se-ia que um artista espalhou pó de jade  
sobre as delicadas florações.

O doce perfume das flores desvaneceu-se;  
um vento frio curva as suas hastes.  
Em breve, as murchas folhas douradas  
das flores de lótus, partirão nas águas.  
O meu coração está cansado.  
A minha pequena lâmpada extinguiu-se com um estalo;  
convencendo-me a dormir.  
Venho até ti, caro lugar de repouso!  
Sim, dá-me descanso, necessito de conforto!

Choro muito na minha solidão.  
O Outono prolonga-se demasiado no meu coração.  
Sol do amor, não voltarás tu a brilhar,  
e as minhas lágrimas amargas ternamente secar?

### 3. Da Juventude

– Li-Tai-Po / Hans Bethge

No meio do pequeno lago  
está um pavilhão de porcelana  
verde e branca.

Como as costas de um tigre  
arqueia-se a ponte de jade  
de encontro ao pavilhão.

Na pequena casa, amigos estão sentados,  
bem vestidos, bebem, conversam;  
alguns deles escrevem versos.

As suas mangas de seda deslizam  
para trás, os seus bonés de seda  
travessamente recolhidos no fundo da nuca.

Na calma superfície do  
pequeno lago, tudo se reflecte  
singularmente, como num espelho.

Tudo está às avessas  
no pavilhão de porcelana  
verde e branca;  
a ponte é como uma meia-lua,  
com o seu arco invertido.  
Amigos, bem vestidos, bebem, conversam.

### 4. Da Beleza

– Li-Tai-Po / Hans Bethge

Jovens raparigas colhem flores,  
colhem flores de lótus na margem do rio.  
Entre arbustos e folhas estão sentadas,  
juntando flores nos seus regaços e interpelando-se  
umas às outras e divertindo-se.

O sol dourado tece as suas formas,  
reflectindo-as na água luminosa.  
O sol reflecte os seus esbeltos membros,  
os seus ternos olhos,  
e o Zéfiro levanta e acaricia  
o tecido das suas mangas,  
conduzindo a magia dos seus perfumes pelo ar.

Oh vede! Quem serão estes jovens rapazes  
ali à borda do rio, em soberbos corcéis,  
ao longe brilhando como raios de sol;  
já entre os ramos dos verdes salgueiros  
aproximam-se a trote os vigorosos rapazes.

O cavalo de um deles relincha alegremente  
assusta-se e parte subitamente;  
sobre as flores e as ervas estremecem os seus cascos  
pisando, em brusco turbilhão, as flores que se abatem.  
Ei! Como se agitam as suas crinas em alvoroço,  
e fumegam os seus quentes narizes!

O sol dourado tece as suas formas,  
reflectindo-as na água luminosa.  
E a mais bela das raparigas dirige-lhe  
longos olhares de desejo ardente.  
A sua orgulhosa postura é só um disfarce.  
No brilho dos seus grandes olhos,  
na escuridão do seu olhar apaixonado,  
vibra penosamente a exaltação do seu coração.

## 5. O Bêbado na Primavera

– Li-Tai-Po / Hans Bethge

Se a vida não passa de um sonho,  
porquê, então, a fadiga e o tormento?  
Eu bebo até não poder mais,  
todo o santo dia!

E quando não posso beber mais,  
porque garganta e alma estão cheios,  
então cambaleio até à minha porta  
e durmo maravilhosamente!

Que ouço eu quando acordo? Escuta!  
Um pássaro canta na árvore.  
Pergunto-lhe se a Primavera já chegou,  
para mim é como um sonho.

O pássaro chilreia: “Sim!  
A Primavera chegou, veio durante a noite!”  
Em profunda contemplação eu escuto,  
o pássaro que canta e ri!

Encho de novo o meu copo  
e esvazio-o até ao fundo  
e canto, até a lua brilhar  
no negro firmamento!

E quando não posso mais cantar,  
então durmo de novo.  
Que me importa a Primavera?  
Deixai-me com a minha embriaguez!

## 6. A Despedida

– Mong-Kao-Yen (689/691-740) e Wang-Wei (698-761) / Hans Bethge

O sol desaparece por trás das montanhas.  
Em todos os vales desce o anoitecer  
com as suas sombras plenas de frescura.  
Oh, vede! Como um barco de prata a pairar,  
a lua eleva-se no mar azul do céu.  
Sinto o sopro de uma brisa delicada  
atrás dos pinheiros sombrios!

O ribeiro canta harmoniosamente na escuridão.  
As flores empalidecem no crepúsculo.  
A terra respira do fundo do sono e do silêncio,  
todo o desejo se transforma agora em sonho.  
Os homens cansados voltam para casa,  
para no sono reaprenderem  
a felicidade esquecida e a juventude!  
Os pássaros acocoram-se em silêncio nos seus ramos.  
O mundo adormece!

O sopro fresco na sombra dos meus pinheiros.  
Eu estou aqui e espero o meu amigo;  
eu espero o seu último adeus.  
Eu anseio, ó meu amigo, desfrutar ao teu lado  
da beleza deste anoitecer.  
Onde ficaste? Deixas-me muito tempo sozinho!  
Vagueio, para lá e para cá, com o meu alaúde,  
por caminhos de erva macia e intumescida.  
Ó beleza! Ó mundo ébrio de amor e vida eternos!

Ele desceu do cavalo  
e estendeu-lhe a bebida da despedida.  
Ele perguntou-lhe para onde ele iria  
e porque razão teria que ser assim.  
Ele disse, a sua voz estava velada:  
Ó, meu amigo,  
a felicidade não foi amável para mim neste mundo!

Para onde vou? Eu vou, eu vagueio nas montanhas.  
Eu procuro repouso para o meu solitário coração.  
Eu caminho para a minha terra, o meu lugar.  
Eu nunca mais vaguearei na distância.  
O meu coração está tranquilo e aguarda a sua hora!

Em toda a parte a amada terra  
floresce na Primavera e torna a verdejar!  
Em toda a parte, eternamente, resplandece o azul no horizonte!  
Eternamente... eternamente...

Tradução de Ofélia Ribeiro, gentilmente cedida pela Fundação Calouste Gulbenkian

## PETER RUNDEL DIRECÇÃO MUSICAL

A profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par de uma grande criatividade dramaturgica, tornou Peter Rundel um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias. Dirigiu estreias mundiais de produções na Ópera do Estado da Baviera, Festwochen de Viena, Ópera Alemã de Berlim e Festival de Bregenz. O seu trabalho na ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias das óperas *Nacht* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes.

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen, Alemanha, e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hanôver e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compo-

sitor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque. Integrou como violinista a formação do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Na área da música contemporânea tem desenvolvido colaborações com o Ensemble Recherche, Asko|Schönberg Ensemble e Klangforum Wien. É convidado regular do Ensemble Resonanz, Ensemble intercontemporain e musikFabrik.

Foi Director Artístico da Orquestra Filarmónica Real da Flandres e da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música no Porto, e desde então tem obtido grande sucesso com este agrupamento em importantes festivais europeus. Recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo por várias vezes o prestigiante Preis der deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o Echo Klassik e uma nomeação para o Grammy Award. Recentemente recebeu o Carl-Orff Preis

(*Prometheus* juntamente com o encenador Heiner Goebbels).

Depois de abrir a temporada de 2014/15 no Festival de Lucerna, Peter Rundel realiza uma digressão com a Sinfónica WDR de Colónia a Bruges, no Outono. Como convidado, dirige também a Sinfónica da Rádio de Viena, Filarmónica do Luxemburgo e Sinfónica do Porto Casa da Música, bem como o Ensemble Resonanz, Collegium Novum Zürich, Plural Ensemble Madrid, Asko|Schönberg Ensemble (numa digressão pela Holanda e Bélgica) e musikFabrik, com o qual se apresenta no Concertgebouw de Amesterdão. Será retomado o bem-sucedido projecto *Massacre* (Wolfgang Mitterer) com o Remix Ensemble. Irá também dirigir a estreia mundial da nova ópera de Hèctor Parra, *Wilde*, no Schwetzingen Festspiele.

## LOUISE CALLINAN MEIO-SOPRANO

A meio-soprano Louise Callinan foi a primeira artista australiana a ser admitida no Programa de Jovens Artistas da Ópera National de Paris, onde venceu também o prestigiante Prémio AROP. Cantou com a Sinfónica da BBC, Sinfónica de Chicago, Orchestre National d'Ile de France, Théâtre du Châtelet, LA Opera, Staatsoper Unter den Linden, Opera Australia, Israeli Opera, Opéra de Rennes, Angers Nantes Opéra e Theatre de l'Opera Luxembourg. Iniciou a carreira com papéis como Angelina (*La Cenerentola*), Rosina (*Il barbiere di Siviglia*) e Dorabella (*Così fan Tutte*), e interpretou numerosos papéis na Ópera de Paris, destacando-se: Meg Page (*Falstaff*) com direcção de Conlon, Mulher (*K...* de Manoury), 2ª Dama (*A Flauta Mágica*) e, mais recen-

temente, Suor Zelatrice (*Suor Angelica*) com direcção de Philippe Jordan, e Samaritana (*Francesca da Rimini*) com direcção de Daniel Oren. Cantou o papel de 2ª Dama na versão cinematográfica de *A Flauta Mágica* realizada por Kenneth Branagh.

Louise Callinan interpreta também o repertório dramático de meio-soprano: Tigrana (*Edgar*) e Dalila (*Samson et Dalila*) em Valladolid; Erda (*O Ouro do Reno* e *Siegfried*) e Waltraute (*O Crepúsculo dos Deuses*) com o Remix Ensemble, em *Ring Saga*, versão adaptada do *Anel* de Wagner por Jonathan Dove e Graham Vick sob a direcção de Peter Rundel (no Porto – Casa da Música, Estrasburgo – Palais des fêtes, Paris – Cité de la Musique, Théâtre de Nîmes, Théâtre de Caen, Théâtre de Saint-Quentin-en-Yvelines, Grand Théâtre de Reims e Grand Théâtre de Luxembourg); Amneris (*Aida*) na Ópera da Bielorrússia em Minsk; e Herodiade (*Herodiade* de Massenet) em Valladolid. Entre os seus projectos mais recentes incluem-se os papéis de Laura Adorno (*La Gioconda*) em Valladolid e Roswisse (*A Valquíria*), Wellgunde (*O Ouro do Reno* e *O Crepúsculo dos Deuses*) e 2ª Dama (*A Flauta Mágica*) na Ópera de Paris com direcção de Philippe Jordan.

## JEFF MARTIN TENOR

Após terminar os estudos em Princeton e Cincinnati, Jeff Martin iniciou a sua carreira europeia na Alemanha. Apresentou-se em muitos dos teatros de ópera e salas de concerto mais importantes tais como o Teatro Bolshoi, Óperas de Lyon, Dresden, Hamburgo e Colónia, Opéra National du Rhin em Estrasburgo, Ensemble Orchestral de Paris (Notre Dame), Konzerthaus de Berlim,



Óperas de Montpellier e da Valónia, Teatros Nacionais de Nuremberga e Mannheim e Teatro de Dortmund.

Nas suas colaborações com maestros como Friedemann Layer, Christoph Prick, John Nelson, Kazushi Ono e Arthur Fagan, Jeff Martin teve grande sucesso ao desempenhar papéis como Tamino (*A Flauta Mágica*), Ottavio (*Don Giovanni*), Mime e Loge (*O Anel do Nibelungo*), David (*Os Mestres Cantores de Nuremberga*), Herodes (*Salomé*), Hauptmann (*Wozzeck*) e Evangelista (*Paixão segundo São Mateus*).

Cantou no Ciclo Tchaikovski da Ópera de Lyon, com encenação de Peter Stein e direcção musical de Kirill Petrenko, em 2010. Em 2011, foi Astrólogo numa nova produção de *O Galo de Ouro*, no Teatro Bolshoi em Moscovo, dirigida por Vassily Sinaisky, e Siegfried em *Ring Saga*, versão adaptada do *Anel* de Wagner por Jonathan Dove e Graham Vick, numa digressão europeia com o Théâtre et Musique (Paris) e o Remix Ensemble (Porto) sob a direcção de Peter Rundel.

Na temporada passada cantou Valzacchi (*O Cavaleiro da Rosa*) no Teatro Bolshoi. Recentemente participou na ópera de câmara *Mazltov!* de Weinbergs na Konzerthaus de Berlim, bem como na reposição de *Ring Saga* no Teatro Valli, Reggio Emilia. Esta temporada inclui concertos na Casa da Música no Porto (*A Canção da Terra* e excertos de *Siegfried*), uma produção de *Die Gezeichneten* (Schreker) em Lyon, uma versão de concerto de *Daphne* (Strauss) com a Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim e novas récitas *d'O Cavaleiro da Rosa* no Teatro Bolshoi.

## REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

**Peter Rundel** *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional, apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas. Em 2011 apresentou-se no Wiener Festwochen (Viena) e no Festival Agora (IRCAM – Paris). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, Compositor em Residência 2011 na Casa da Música. O projecto *The Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims. Em 2012 fez a estreia mundial do concerto para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Filarmónica de Berlim. Entre os projectos para 2013, mereceu destaque a ópera *Quar-*

*tett*, de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. Em 2014 apresenta em estreia mundial *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis, uma encomenda da ECHO, e tem concertos agendados em Lisboa, Paris, Ourense, Madrid e Colónia.

O Remix tem dez discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist e Pascal Dusapin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

### Violino

Angel Gimeno  
José Pereira

### Viola

Trevor McTait

### Violoncelo

Oliver Parr

### Contrabaixo

António A. Aguiar

### Flauta

Stephanie Wagner

### Oboé

José Fernando Silva

### Clarinete

Vítor J. Pereira

### Fagote

Roberto Erculiani

### Trompa

Dário Ribeiro

### Trompete

António Silva

### Trombone

Ricardo Pereira

### Percussão

Mário Teixeira  
Manuel Campos

### Piano

Jonathan Ayerst  
Vítor Pinho





casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
\*\*\*\*\*

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



GOVERNO DE  
PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

